

## EDITORIAL

O ano de 2022 foi marcado pelo prolongado conflito militar russo-ucraniano, o qual teve enorme e múltiplo impacto mundial. Poucos analistas esperavam uma guerra tão prolongada, de intensidade e objetivos tão oscilantes e de desfecho tão imprevisível. A eclosão de um confronto armado convencional entre países industriais, em plena Europa, representa um ponto de inflexão em termos de segurança internacional no pós-Guerra Fria. O interessante é que a Europa parece ser a região mais afetada e prejudicada. A ruptura de laços econômicos entre a União Europeia, e especialmente a Alemanha, com Moscou, teve o efeito econômico e estratégico desejado por Washington. Agora, Bruxelas reclama da política de incentivo econômico de Biden às empresas norte-americanas como “concorrência desleal”.

No Brasil houve um quadro pós-eleitoral tumultuado, com um cenário que se assemelhou ao norte-americano quando da derrota de Donald Trump. E o retorno de Luís Inácio Lula da Silva a um terceiro mandato tem sido sinalizado como a possível volta da diplomacia “ativa e altiva” do ex-chanceler Celso Amorim – agora assessor presidencial para política internacional, tal como Marco Aurélio Garcia no passado. Todavia, o que poucos analistas e ativistas levaram em conta é a dimensão da crise econômica e a perigosa clivagem e aprofundamento das tensões diplomático-militares. E, também, que, com a derrota de Trump, o governo Bolsonaro mudou a diplomacia brasileira em abril de 2021, que voltou a cooperar com o BRICS e seus membros, enquanto as relações com o governo Biden se tornavam difíceis.

Pragmatismo visando a sobrevivência, muito provavelmente, inclusive com a visita de Bolsonaro a Moscou poucos dias antes da eclosão da guerra, firmando diversos acordos sobre os quais a mídia deu poucas informações. Por razões óbvias, Washington e as capitais da Europa Ocidental, além de alguns dos grandes meios de comunicação brasileiros e internacionais, demonstravam preocupação com as eleições do Brasil. A defesa do sistema eleitoral e a preferência pela plataforma da candidatura oposicionista foram assertivas. Assim, com a ampla coalizão necessária para governar e tais apoios internacionais, que cobram um alinhamento do Brasil, num quadro de críticas contra o BRICS e seus membros, tornam pouco críveis a capacidade de reedição da antiga diplomacia brasileira da primeira década do século. O ano de 2023 será muito difícil pois as clivagens no país e no mundo estão se

aprofundando.

Este número traz artigos de acadêmicos do Brasil, da Índia, do Paquistão, da Indonésia, da Turquia e da Jordânia. Os temas são relevantes e, alguns, inéditos no Brasil. O primeiro aborda a chamada “Doutrina Putin” de forma muito objetiva, como estratégia de segurança nacional alargada, e o segundo aborda as dimensões econômicas e tecnológicas da aquisição dos caças Gripen pela Força Aérea Brasileira. Um segundo bloco de artigos aborda questões do Oriente Médio: a dimensão securitária do Fórum do Gás do Mediterrâneo Oriental, a política norte-americana para a pouco analisada Jordânia e uma análise acurada sobre a política externa do Irã pós-revolucionário na encruzilhada do supranacionalismo e da soberania. Por fim, os três últimos artigos abordam temas que remetem à Ásia: o impacto da *Belt and Road Initiative* na América Latina e Caribe, o papel da diplomacia marítima do Oceano Índico para o Paquistão e os mecanismos jurídicos da ASEAN no combate aos desafios não-tradicionais de segurança na região.

A visão de autores do Sul Geopolítico enriquece a percepção acadêmica e estratégica com relação aos temas analisados, materializando os objetivos fundacionais da *AUSTRAL: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais*. Isto é particularmente importante num momento em que ressurgem narrativas da época da Guerra Fria, que identificam as tensões atuais como um confronto entre a “Comunidade Internacional” de Democracias Liberais Ocidentais politicamente corretas e nações “desviantes” populistas-autoritárias. Uma reedição do “Mundo Livre” contra o “Totalitarismo” dos anos 1950, que absolutamente não consegue explicar a origem das fraturas atuais, causadas pelas ondas de choque da crise financeira de 2008 e da covid-19. Em tal contexto, o papel da academia é fundamental na análise do que Emmanuel Todd considera como os primeiros movimentos de uma Terceira Guerra Mundial.

A partir desta edição, a Análise Estratégica NERINT estará disponível apenas no site [ufrgs.br/nerint](http://ufrgs.br/nerint).

\*\*\*

Agradecemos o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRGS, através do Programa de Apoio à Editoração de Periódicos (PAEP), bem como a toda equipe que trabalhou na edição e tradução, em particular ao Editor Assistente Guilherme Thudium e aos Assistentes de Edição Igor Estima Sardo e Felipe Werner Samuel, com a colaboração de Marina Felisberti, Gabriela Ruchel, Magnus Kenji e João Pedro Lopes Gonçalves. Como de costume, agradecemos

aos nossos qualificados pareceristas e à Professora Cristina Soreanu Pecequilo pela revisão das traduções. O trabalho de equipe dos pesquisadores do NERINT/UFRGS tem permitido manter a regularidade e a qualidade da Revista Austral.